

Toxicomania e a hora da verdade¹

ANDRÉ M. TEIXEIRA

Os serviços de atenção destinados aos usuários de álcool e outras drogas recebem diariamente pessoas que, apesar dos severos e evidentes efeitos deletérios, recorrem monótona e insistentemente ao uso abusivo de substâncias, sem dele conseguirem se desvencilhar.

As ciências farmacológicas, médicas e psicológicas oferecem avanços bastante consideráveis sobre as substâncias intoxicantes e suas interações com o usuário. Vejamos, então, uma parcela da contribuição que nos pode oferecer a psicanálise: como os efeitos de um produto da ciência, e aqui colocaremos as ditas drogas, afetam o discurso do sujeito.

Para iniciarmos nosso diálogo, pedimos licença para uma longa mas necessária curva aos termos da constituição subjetiva, para podermos colocar nossa questão.

No animal há uma imagem da espécie, um padrão estabelecido de repertório respondente à *gestalt* de sua espécie, padrão inato que confere o estatuto de instinto às respostas dessa natureza. É válido o argumento de que a imagem influencia o comportamento do animal, mutando-o, maturando-o ou mesmo obrigando-o à posição respondente. É assim para o pombo, para o gafanhoto e para uma infinidade de espécies, cujo repertório está capturado pela imagem do outro, sem interferência de uma linguagem. Temos um padrão da raça, um instinto².

No humano, por sua vez, o processo de formação do *eu* decorre da alienação na própria imagem, para integrar minimamente o corpo despedaçado pelo auto-erotismo. Falamos de pulsão, não de instinto. Lembremos, com Freud, que o eu é formado pela diferenciação dos estímulos endógenos e exógenos, através da constituição dos trilhamentos facilitados, para ordenar o caos da indiferenciação originária³.

Esse despedaçamento é vivido de modo intenso, demandando a um outro uma ação específica⁴, a qual não vem só, traz no ato do outro o acesso ao Outro, introdução derradeira do território simbólico⁵. Perde-se aí um objeto jamais recuperado⁶.

¹ O presente texto é fruto da continuação da pesquisa iniciada na Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília, orientada pela Prf. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard, - Teixeira, A. *Um ensaio Psicanalítico sobre a Toxicomania e sua relação com o Sujeito do Inconsciente*, defendida em junho de 2006.

² Lacan. "O estádio do espelho como formador da função do eu", (1949/1998).

³ Freud. *Projeto para uma psicologia científica* - (1950 [1895]/1980).

⁴ *Ibid*, p. 349.

⁵ Lacan. *O Seminário – Livro 5: as formações do inconsciente*, (1957-58/1999, p. 199).

⁶ Lacan. *O Seminário – Livro 7: a ética da psicanálise*, (1959-60/1988, p.141).

A imagem virtual é a base da primeira identificação, possibilidade de um *eu* advir. Identificada à imagem, a criança supera a inapetência motora, ordenando e integrando os diversos estímulos que a acometem. O júbilo da imagem está justamente na constituição alienante do *Um*, pois na tentativa de capturá-la, é-se capturado pela imagem. Essa é a matriz simbólica do *eu* que possibilitará toda a subjetividade. O *eu* é formado por identificação, cuja base é antecipada por sua imagem completa.

A superação do despedaçamento do corpo, da fragmentação das pulsões, não seria possível sem o narcisismo. A possibilidade de a libido investir em objetos e de tomar o próprio *eu* como objeto propicia a acomodação da imagem. É necessário identificar-se a um outro para através dele alienar-se no Outro. Nesses termos, temos a operação de dois registros, o imaginário e o simbólico, contornando o despedaçamento do ser vivo. É em função desse despedaçamento que o aparelho psíquico desenvolve-se como resposta.

O *eu* comporta diversas funções e, em seu seio, já estão cravadas as marcas do mal-estar. Por mais que um *eu* se oriente por uma espécie de hedonismo⁷, há o que Lacan qualificou como “perturbação profunda da ordem vital”⁸, fissura pela qual Freud introduziu a noção de pulsão de morte⁹, e Lacan, o registro do real. É a desordem viva da pulsão de morte como originária.

Ao ser humano não resta outra possibilidade de superar a fragmentação do *eu* a não ser pela superação na miragem. A imagem realiza-se fora dele, sendo-lhe próprio o investimento libidinal. Lacan chega mesmo a chamar de investimento libidinal aquilo através do qual um objeto se torna desejável¹⁰, introduzindo a função vital do desejo, que assume posição correlata à falta, alienando-se no campo do Outro. Nesses termos, que o sujeito, ao superar sua divisão, não sabe mais do seu desejo.

Isso é uma com/fusão. O desejo é reconhecido pela ação mediadora da imagem própria e do corpo do outro. Nesse desenvolvimento, o desejo do sujeito funda-se no campo do Outro, sobre as bases do corpo do outro. O desamparo original possibilita ao desejo se alojar no outro, detentor de objetos que podem ser investidos de forma fálica.

Então temos, onde *isso* (*S*) estava, *eu*, sujeito do inconsciente (*\$*), devo advir. Faz-se incidir, a barra sobre o (*S*), *das Es*,

⁷ Lacan. O Seminário – Livro 2: o *eu* na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, (1954-55/1985, p 17).

⁸ *Ibid*, p. 54.

⁹ Freud. “Além do princípio do prazer”, (1920/1980).

¹⁰ Lacan. O Seminário – Livro 1, os escritos técnicos de Freud, (1953-54/1986, p. 165).

tornando-o sujeito do inconsciente (\$), *das Ich*. É fundamental a incidência do corte, instrumentalizado pela ação do Outro, para no lugar do sujeito pulsional (S), acéfalo, advir o sujeito do inconsciente (\$), causado por sua falta e marcado por seu desejo.

Lacan sustenta que quando surge o símbolo, parte essencial da experiência humana, há a ocorrência do sujeito enquanto sujeito da fala, do inconsciente¹¹. Essa barra, dada pela experiência psicanalítica, revela uma profunda divisão do *eu*, sede do desconhecimento e da descontinuidade inerente ao *eu*. Não há equivalência possível entre os fatores da divisão e, não havendo equivalência nos termos da divisão, o quociente nunca pode ser igual a Um.

A barra grafada na divisão é a do recalque, da castração, da impossibilidade de o significante representar plenamente o significado, posto que o referente é abandonado para tornar a significação possível. É a mesma marca que confere ao sujeito a impossibilidade de representar-se plenamente pelo significante sem o efeito de *afânise*¹². Desse modo, o desejo deve passar pela via do significante para encontrar o Outro.

Um Outro desencarnado, pois, no desvio de direção, quando se muda de meio, o desejo adquire um significado distinto do original. Isso não é sem conseqüência, pois toda satisfação possível do desejo encontra um ponto tangente em (A), infligindo uma perda quando da articulação da fala com o sistema significante assentado no Outro.

O desejo fica condenado a um para-além da linguagem, realizando-se no tropeço, no ato falho, nos sintomas e em outros lugares não sabidos. A insistência do significante denota o fato de o desejo, em razão mesmo do significante, não poder ser significado. O Outro é, assim, mais do que o depositário fiel de todos os significantes possíveis, mais do que todos, menos Um. O Outro intervém no sujeito ao ratificar sua mensagem, invertendo-a.

Há aqui a sobreposição de duas faltas. Uma decorre da própria estrutura do sujeito, uma vez que ele depende do significante e deste estar a princípio no campo do Outro. Por esse caminho retoma-se a falta primitiva, falta real cuja parcela é devida à sexualidade. Ela é o que o vivo perde de sua parte de vivo por reproduzir-se pela via sexuada. A sexualidade instaura-se no campo do sujeito pela mesma via da falta¹³.

¹¹ Lacan. O Seminário – Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, (1954-55/1985, p. 275).

¹² Lacan. O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, (1964/1985, p. 207).

¹³ *Ibid.*, p. 194

O sofrimento do ser é devido ao fato de haver um corte, uma inscrição irreversível da sexualidade sobre a natureza. O ser sexuado é uma exigência da linguagem, situando-se para além do corpo, do organismo vivo, por não haver relação de complementaridade entre o sujeito e o objeto. Assim, não há no mundo natural objeto capaz de satisfazer plenamente o desejo sexual. Isso confere ao desejo, desde Freud, um caráter indestrutível.

O embaraço no campo do amor, do sexo e da satisfação não é obra da má fortuna do ser falante. É mais; é um traço estrutural por haver na pulsão uma impossibilidade de satisfação plena, embora haja descarga de qualquer modo. A pulsão não tem objeto e sempre se satisfaz¹⁴.

O desejo não se prende ao objeto, contorna-o de modo mais ou menos eficaz. A falha no circuito pulsional é fechada pelo suporte da fantasia¹⁵, que emoldura o objeto, por vezes até escondendo a verdade do interdito simbólico, tornando-o algo perdido e algo inalcançável.

Retomemos finalmente nosso ponto: toxicomania e sua relação com o sujeito do inconsciente. Se a pulsão sexual provoca transtornos por não se prestar a unir homem e mulher plenamente, o casamento com as drogas não se relaciona aos problemas do sexo. O casamento com uma substância torna possível, para o sujeito, desvalorizar as conseqüências impostas pelo trauma sexual.

A interdição no objeto de amor, lei simbólica, coloca o objeto incestuoso fora de alcance. Repercuta de modo direto no amante, pois este passa a ser obrigado a oferecer algo que não tem. A saber: o falo. Eis aí o dom simbólico (Φ). Isso não é sem conseqüências, pois fazer-se de exceção é, então, sair da ordem fálica.

A orientação não é mais ordenada pelo Outro. Os significantes não situam mais um sujeito, posto que não estão mais em relação. A exceção se dá, inclusive, com relação à linguagem, colocando a toxicomania, em sentido estrito, fora das formações do inconsciente. É o retorno brutal, sobre o corpo, do desarranjo primitivo, cuja desordem e fragmentação fazem-se sentir na apresentação de resto, de morto-vivo, do corpo do toxicômano.

Essa justa coincidência unifica o ser do toxicômano numa forma de gozo, incidente no corpo, acusatória da falha do significante. Pois, se representar é mediar, "passar-se por" opera uma

¹⁴ Freud. "Os instintos e suas vicissitudes", (1915/1980).

¹⁵ Lacan. O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, (1964/1985, p. 175).

perda de gozo. Na toxicomania, opera um gozo a-mais. Nessa relação, o traço vindo do campo do Outro não representa o sujeito, ao contrário, o apaga. Garantindo, mesmo que perenemente, o alívio da divisão. Esse significante suporta identificações, encerrando a questão do ser: "Eu sou toxicômano! Eis meu corpo como prova disso."

Assim, a fenomenologia desses tipos clínicos traz, não por acaso, as marcas do excesso, no qual o toxicômano tira o gozo a-mais, um ganho em seu ser, pois o efeito não é o de representação (*des-ser*), mas de ser (Um)nificação.

O efeito da divisão é o próprio sujeito, cuja dependência não é outra senão a do significante. Na impossibilidade de representar-se, não resta outro recurso senão o endereçamento a outro significante ($S_1 - \$ - S_2$). O resto que sobra da equação, entre um significante e outro, na tentativa de representar o sujeito, sem apreendê-lo, é o *objeto a*. Essa sobra perseguirá o sujeito em toda sua existência, e mesmo ex-sistente à cadeia significante está presente na fantasia ($\$ \diamond a$).

Assim, o consistente não é o Outro, cuja falta exerce efeito de trauma e, sim, o gozo. Este não é oriundo do Outro, embora tenha lá uma inscrição, é antes de tudo uma resposta do real¹⁶.

Afastar-se do efeito de sujeito com o recurso à substância é situar-se fora do Outro, pois o que falta deixa de ser um significante no campo do Outro, passando a ser um resto a consumir. Temos então a insistência do retorno, não de um significante faltante, mas do mesmo ato: excluir-se das formações do inconsciente pela via tóxica.

O discurso da ciência indica a saturação do sentido, explicando, depurando e extirpando do seu seio o equívoco. Este saber tendente ao Um redimensiona discursivamente a divisão do sujeito. Um elimina a divisão e obtura o saber, dimensão simbólica, contido no sintoma. Não há mais um sujeito do inconsciente.

O significante pleno da ciência oferece acesso ao real por introduzir objetos lá onde não estavam, objetos para o consumo¹⁷. Em tal operação, o consumidor não mais é dono de um objeto, usa-o para reduzir os efeitos da divisão ao mínimo. Mínimo de uma circunstância em que o consumo apresenta-se prontamente competente para identificar sujeito e objeto. A satisfação é massificada, livre dos erros e equívocos. O sujeito do inconsciente, dentro

¹⁶ Soler. *Variáveis do fim da análise*, (1995, p.191).

¹⁷ Santiago. *A droga do toxicômano – uma parceria cínica na era da ciência*, (2001, p.149).

dessa lógica discursiva, parece-nos escamoteado e suplantado, numa perda radical do valor da palavra como operador de perda-de-gozo.

Assim, temos a toxicomania como um não-discurso, no qual sujeito e Outro não se enlaçam, mas fundem-se, perdendo justamente nisso a diferenciação. Se o significante provoca efeitos em oposição e, no hiato, apresenta-se um sujeito como o significante que falta no campo do Outro, temos no fenômeno ora estudado um “estilo de ser” no qual não há sujeito.

Resta, então, um esvaziamento radical do desejo, principalmente no tocante ao saber inconsciente, decorrente do movimento de ruptura com o Outro. Parece ser repudiada ferozmente pelo toxicômano a percepção de que o lugar vazio, deixado pelo objeto faltante, não pode ser plenamente restituído, permanecendo, justamente, em sua incompletude, a causa do sujeito do inconsciente. Na saída pela via da intoxicação sistemática, parece estar em jogo uma resposta que um sujeito dá na sua “hora da verdade”¹⁸, quando o fantasma encontra o objeto que o satisfaz¹⁹.

¹⁸ Lacan, J. *Televisão*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, (1974/1993, p. 71).

¹⁹ Soler. *Variáveis do fim da análise*, (1995, p.184).

referências bibliográficas

- FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* – (1950 [1895]); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*; Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- FREUD, S. *Os instintos e suas vicissitudes* (1915); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*; Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1920); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*; Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- FREUD, S. *A divisão do eu nos processos de defesa* (1940 [1938]); in.: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*; Editora Imago, Rio de Janeiro, 1980.
- LACAN, J. *O Seminário – Livro 1, os escritos técnicos de Freud*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986.
- LACAN, J. *O Seminário – Livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.
- LACAN, J. *O Seminário – Livro 5, as formações do inconsciente*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.
- LACAN, J. *O Seminário – Livro 7, a ética da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988.
- LACAN, J. *O Seminário – Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.
- LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu - Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949*; in.: *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.
- LACAN, J. *Televisão*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.
- SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano – uma parceria clínica na era da ciência*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.
- SOLER, C. *Variáveis do fim da análise*; Editora Papirus, Campinas, SP, 1995.
- TEIXEIRA, A. *Um ensaio Psicanalítico sobre a Toxicomania e sua relação com o Sujeito do Inconsciente*, Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília, orientação Prf. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard, Brasília, 2006.

resumo

Este trabalho dedica-se ao estudo psicanalítico das toxicomanias. Toma como base as elaborações de Freud e de Lacan sobre o sujeito do inconsciente e suas interações com as substâncias intoxicantes. Parte da constituição do sujeito, de sua divisão, para indicar o que estaria envolvido na relação do toxicômano com sua droga: uma recusa radical do falo, da castração e das formações do inconsciente.

palavras-chave

Toxicomania, sujeito, divisão, falo.

abstract

This essay is dedicated to a psychoanalysis study of drug addictions. It takes as base the elaborations of Freud and Lacan on the subject of unconscious and the interactions with substances intoxicants. Starts from the constitution of the subject and its division. Then, the focus is aimed at what is evolved in the relation of the addicted and his drug: an radical refusal of the speech, castration and the formations of the unconscious.

key words

Drug Addiction, subject, division, phallus.

recebido

10/08/2008

aprovado

22/10/2008